



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

JOGO TRADICIONAL DE PETECA: CONTRIBUIÇÃO NA PRÁTICA DOCENTE, NO CURSO ÁRA VERÁ, TURMA 2001

André Vinícius Hidalgo¹; Barbara Karoline Antunes Da Silva²; Juslei Teixeira Teles³; Marina Vinha⁴

UFGD/FAED – Caixa Postal 533, 79.804-970 – Dourados – MS, E-mail: Andre_vinid@hotmail.com
Grupo de Estudo e Pesquisa Ludodiversidade e Saúde Social – CNPq/UFGD.

¹ Graduado em Educação Física da UFGD. ² Acadêmica de Educação Física da UFGD. ³ Acadêmica de Educação Física da UFGD. Orientadora, Professora Doutora Marina Vinha FAED-Educação Física.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo destacar o jogo tradicional de Peteca na prática docente do Curso de Formação de Professores em Nível Médio, para os indígenas Guarani e Kaiowá, denominado Projeto *Ára Verá* (Espaço-Tempo Iluminado). A proposta pedagógica específica do curso indígena reflete sobre um dos conteúdos da Educação Física Escolar, os jogos tradicionais de Peteca. A base metodológica consistiu em uma pesquisa documental com buscas em fontes primárias do Caderno de Memória do referido Curso e levantamento bibliográfico. O referencial teórico foi obtido em: Dossiê do Projeto *Ára Verá*; Referencial Curricular Nacional de Educação Indígena; Plano de aula de Educação Física /2001 e Caderno de Memória/2001 escrito em língua portuguesa. Nas considerações finais apontamos as perspectivas de revitalização do referido jogo.

Palavras-chave: Jogos Tradicionais. Educação Física Escolar Indígena. Cultura Corporal de Movimento.

INTRODUÇÃO

Este estudo trata do jogo tradicional da peteca como conteúdo das aulas de Educação Física Escolar, no curso de formação de professores indígenas, que atuam nas aldeias localizadas em áreas Guarani e Kaiowá da região de Dourados, no Estado de Mato Grosso do Sul (MS). Destacamos de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), que essa população alcança aproximadamente 44

mil pessoas. A grande maioria vive em aldeias, se alimentam e comercializam a colheita de mandioca, abóbora milho, dentre outros alimentos cultivados em suas roças de “Coivara”¹ (LONEL,2000). Há aldeias que foram invadidas por cidades, devido à proximidade com o meio urbano, dificultando o cultivo de suas roças, o que leva muitas famílias a receber um complemento com os alimentos vindos dos programas sociais governamentais (SOCIOAMBIENTAL, 2008).

O referido Curso de Formação de Professores em Nível Médio, para os indígenas Guarani e Kaiowá, denominado Projeto *Ára Verá* (Espaço-Tempo Iluminado). Prepara professores já em exercício em suas aldeias, contribuindo na concretização de uma escola diferenciada. Segundo a legislação brasileira, as populações indígenas têm direito à escola específica, diferenciada, intercultural e bilíngue. A Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) garantem aos povos indígenas o direito a uma escola de qualidade, autônoma quanto à organização e a avaliação dos seus conteúdos.

O jogo tradicional é compreendido segundo Rocha Ferreira et al (2005) como atividade física com característica lúdica, que representa importantes elementos culturais como valores tradicionais, mitos e magia. Tais elementos são manifestados, em geral, em ritos de passagem de uma condição social à outra, segundo normas de cada etnia.

A base metodológica do estudo consistiu em uma pesquisa documental com buscas em fontes primárias registradas no arquivo escolar do referido Curso e em levantamento bibliográfico. O referencial teórico foi obtido em: Dossiê do Projeto *Ára Verá*; Referencial Curricular Nacional de Educação Indígena; Plano de aula de Educação Física /2001 e Caderno de Memória/2001 escrito em língua portuguesa.

O objetivo do estudo é o de refletir sobre o jogo tradicional da peteca como possível conteúdo de Educação Física Escolar, no curso de Formação em nível Médio, para professores indígenas Guarani e Kaiowá e sua aplicação também na educação não indígena.

A relevância do estudo é a de mostrar que há outras formas pedagógicas de ensinar, sendo possível entender os valores, as contribuições motrizes do referido jogo tradicional e as formas diversificadas de vivenciá-lo em diversas culturas. Outro aspecto

¹ Também chamada de roça itinerante ou rotativa, fazendo uso do corte e da queima da mata, segundo Leonel (2000).

relevante são as condições fragilizadas com que se encontra o reconhecimento identitário dos povos indígenas, raiz do modo de jogar e brincar tradicionais.

A recuperação da prática pedagógica deste jogo pode sim contribuir no fortalecimento de valores, mesmo que tais valores tenham um longo e diferenciado período sócio histórico em sua construção e hoje estejam dinamicamente mudados em vista do processo de contato entre sociedades indígenas e não indígenas.

Entendemos que cabe também à Educação Física Escolar recuperar memórias e revitalizar este tipo de jogo em seus conteúdos, conforme propõe a Proposta Curricular Nacional para Educação Física (PCN), Brasil (1997) e o Referencial Curricular Nacional para Educação Indígena (RCNEI), Brasil (1998) tendo em vista que, de forma geral, a identidade de cada jogo tradicional ou popular contribui na formação do educando, principalmente por recuperar a lógica de diferentes modos de educar.

DESENVOLVIMENTO

No último Censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) aponta que 73.295 da população do Mato grosso do Sul é autodeclarada indígenas dos quais 44 mil são dos povos Guarani e Kaiowá. Por esses dados mostra-se importante o Curso de formação de professores Guarani e Kaiowá projeto *Ará Verá* (Espaço e Tempo Iluminado) para as comunidades indígenas, pois é necessário pessoas capacitadas, preferencialmente os próprios indígenas, para atuarem no Ensino Básico das Escolas das suas aldeias.

O documento RCNEI, (BRASIL, 1998) ressalta que na Educação Física Escolar das Escolas Indígenas o esporte federalizado tem substituído com muita intensidade e com pouca reflexão os jogos tradicionais, fazendo com que grande parte dos indígenas pratique atividades esportivas, como o futebol, gerando assim desavenças nas aldeias, pois os mais velhos observam que o gosto excessivo por modalidades esportivas mantém os jovens afastados das atividades tradicionais e cerimoniais do grupo étnico.

Para tanto, as aulas de Educação Física Escolar podem contribuir no sentido de recuperar as brincadeiras, jogos, danças, lutas entre outros movimentos da cultura corporal, revitalizando e ressignificando esses conhecimentos. Caberá à Escola como um todo inserir no seu Projeto Pedagógico a necessidade de recuperar a cultura corporal de movimento étnica, transmitida de gerações a gerações e atualizada pelas relações de contato com a sociedade envolvente, tanto para dinamizar a tradicional prática corporal, quanto para compreender o abandono de tais saberes.

Dessa forma, o jogo tradicional pode ser criado ou adotado por um grupo étnico, fazendo com que a sociedade ou povo que o pratica atribua suas características ao jogo. Como exemplo, citamos Vinha (2004), ao relatar o jogo tradicional de peteca entre outra etnia do Mato Grosso do Sul, os indígenas Kadiwéu, habitantes na região de Porto Murtinho, Bodoquena e Bonito. Entre eles foi encontrada a peteca confeccionada com folhas de espiga de milho, chamadas de “chala”, sobrepostas umas às outras e enfeitadas com penas de ema, conforme imagem feita por Boggiani (1897, p. 10, tomo II, citado em VINHA, 2004).



Gravuras 6 e 7. Jogando Peteca. Desenhos de Sánchez Labrador, em 1770, publicados em 1910.



Imagem de uma Peteca oficial. Confederação Brasileira de Peteca (CBP 2010).

No Brasil, o jogo de peteca é jogado com as mãos, diferente da China onde predomina o uso dos pés. Há várias formas de ser praticada, tais como: (1) dispostos em círculo, rebater com as mãos sem deixar o objeto cair no chão, podendo ficar nas posições agachada, sentada ou em pé; (2) formar 2 equipes, dispostos em meio campo de vôlei, usando a rede específica, com os fios da malha mais fechada para reter a

peteca; (3) fixar uma corda ao longo de dois troncos de árvores e formar um grupo de cada lado, sem definição de quantidade de participantes, para a troca de toques em deslocamento, ou parados; e (4) adotar as regras oficiais, conforme ditadas pela Confederação de Peteca.

Por sua vez, entre os indígenas Guarani e Kaiowá, habitantes na região da Grande Dourados, os alunos do referido curso de formação em nível Médio, registraram no documento “Caderno de Memória”, do dia 14 de março de 2001, a presença do jogo tradicional de peteca, historicamente praticado por estes indígenas. Segundo os registros, no passado, mesmo antes da chegada dos portugueses no Brasil, eles já jogavam peteca, paralelamente às outras práticas com seus cantos, danças, ritos de passagem e suas alegrias lúdicas. Fica uma lacuna, no entanto, no sentido de ser necessária a realização de um estudo que recupere a presença tradicional deste tipo de jogo, o seu atual significado, o desuso ou a adoção da forma esportiva de jogar, tendo em vista que o jogo de peteca foi federalizado.

Sem mencionar o conhecimento destes indígenas brasileiros, o processo histórico registrado pela Confederação Brasileira de Peteca (CBP, 2014, p. 1) recupera o referido jogo a partir do grande evento olímpico, afirmando que: “nos jogos da V Olimpíada realizada na Antuérpia, capital da Bélgica, em 1920, os brasileiros que pela primeira vez participavam de uma Olimpíada, levaram petecas, para aquecimento de seus atletas”. Tal atitude trouxe interessados de vários países em conhecer tal jogo e houve pedidos para organizar as regras. “Coube a Minas Gerais a primazia de dar-lhe sentido competitivo, realizando jogos internos nos clubes pioneiros de Belo Horizonte”, explica a CBP.

A partir de então, o jogo antes praticado na rua, nos gramados, nas quadras de areia, com o caráter recreativo, foi se configurando como esporte, na década de 1940. Contudo, somente em 1973 as regras foram oficializadas e foi fundada em 1975, a Federação Mineira de Peteca (FEMPE). Em decorrência, “o esporte da peteca foi oficializado na Segunda Sessão do Plenário do Conselho Nacional de Desporto (CND), conforme Deliberação nº 15/85 de 17 de agosto de 1985, em Brasília”.

As vantagens para a prática desse esporte, já de conhecimento dos indígenas brasileiros desde 1770, conforme citado em Vinha (2004), é que pode ser jogado por crianças, jovens, adultos e idosos, de ambos os sexos, pois a intensidade do jogo e do tipo das jogadas depende dos seus praticantes. Portanto, compreendemos ser de grande importância que os indígenas brasileiros revejam esta história da peteca para valorizar

suas identidades, analisar a confecção do objeto, o período das festas étnicas para comemorar a colheita do milho, e a associação com algum rito de passagem.

Para os não-indígenas, há também uma história não menos rica, de difusão do jogo em um grande evento esportivo, da adesão ao jogo de tal forma que hoje identifica o povo mineiro, como organizadores da transição de jogo tradicional para esporte. Em ambos os casos, a peteca nos brinda com um conhecimento rico, vindo de culturas diferentes, e hoje sendo praticada em vários países.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de mostrar o jogo tradicional da peteca como possível conteúdo de Educação Física Escolar, no curso de Formação em nível Médio, para professores indígenas guarani e kaiowá, foi possível organizar o presente estudo trazendo o processo histórico desta prática corporal entre os indígenas Kadiwéu e também sua recente condição de esporte federado. Enquanto jogo tradicional a peteca tem característica lúdica, representa importantes elementos culturais como valores tradicionais e formas específicas de educar. Tais elementos foram manifestados, em geral, em ritos de passagem de uma condição social à outra, segundo normas de cada etnia. A busca em fontes primárias registradas no arquivo escolar do Curso *Ára Verá*, principalmente no Caderno de Memória da Turma 2001, escrito em língua portuguesa, apontou a presença dessa prática corporal sem, contudo, aprofundar sobre sua atual situação. No entender da equipe de pesquisadores, a recuperação desta prática pedagógica na escola pode sim contribuir na recuperação e no fortalecimento de valores étnicos, estabelecendo um diálogo, mesmo que tais valores tenham um longo e diferenciado período sócio histórico em sua construção, e hoje estejam dinamicamente alterados em vista do processo de contato entre sociedades indígenas e não indígenas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional de Educação Indígena/ Ministério da Educação e do Desporto*. Brasília, DF, 1998.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação. *Caderno de Memória da Turma 2001*, Curso normal em nível médio formação de professores Guarani Kaiowá. Projeto “Ára Verá”. Espaço-tempo Iluminado. Dourados, Mato Grosso do Sul, 2004.

ROCHA FERREIRA, M.B et al. *Jogos Tradicionais Indígenas*. In: Raízes. Atlas do Esporte no Brasil. Org. Lamartine Pereira da Costa, Rio de Janeiro: Editora Shape, 2005

VINHA, M. *Corpo-Sujeito Kadiwéu: jogo e esporte*. 2004. Tese (Doutorado/Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CBP. História da Peteca. In: *Confederação Brasileira de Peteca*. Acesso: <http://cbpeteca.org.br/historia-da-peteca/>. Obtido em: 30 agosto 2014.